

Depressão e suicídio

**Alexandre Catena Volpe, Neusa Bittar
e Priscilla Freitas Guimarães S. Giusti**

O instinto de preservação é o instinto básico da vida e o mais forte, pois o homem dele depende para sua sobrevivência. É o instinto determinante de outros que são subjacentes, como o instinto sexual, que permite a continuidade da espécie, o instinto gregário, o de alimentação e até o instinto religioso, que seria a vida após a morte.

Está presente em todos os seres vivos, de forma que o suicídio é indicativo de um estado anormal da mente, salvo raras exceções, como as autoeutânasias relacionadas ao sofrimento físico insuportável.

Voltar-se contra o instinto de preservação denota sempre um estado patológico.

No Brasil, as taxas de suicídio vêm aumentando expressivamente, princi-

palmente entre os jovens e adolescentes. Recentemente, casos em universidades e colégios mobilizaram e comoveram centenas de pessoas. Segundo dados do Ministério da Saúde, o número de suicídios entre os jovens (de 10 a 14 anos) aumentou 65% em 5 anos, muito acima da média da população em geral.

Isso pode ser explicado pelo fato de que o jovem é mais propenso a se desesperar, julgando que os obstáculos são insuperáveis, e a acabar com a própria vida. Excluindo-se a influência das drogas, o contato permanente dos jovens em grupos via celular ou computador, nos quais há muitas trocas de imagens,

de mensagens e de ideias adquire relevância. Como esses meios propiciam o inter-relacionamento de grande número de pessoas, as que têm a potência suicida acabam se juntando com outras que também pensam negativamente, resultando no ato em si.

Junta-se a isso a frenética competição por tudo, observada no jovem. Os grupos sociais virtuais exigem praticamente um bom desempenho de todos. Fotos bonitas, lugares bons e estar tudo sempre excelente é irreal, não acontece na vida não virtual. Isso pode levar a uma frustração gerada pelo conflito entre a imagem virtual e a da vida real. Essa incompatibilidade entre as duas imagens gera o conflito que pode levar ao suicídio.

O suicídio pode resultar de um ato impulsivo, em curto circuito, característico de uma pessoa aflita que age sem pensar, frequente principalmente entre jovens. Se esse período tivesse passado, com ou sem tratamento, o ato não teria ocorrido. Outras vezes, a situação é planejada, como ocorre com doentes portadores de quadros depressivos graves, que vão ao suicídio.

Em se tratando de depressão, é importante ressaltar que, hoje em dia, há uma cultura errada, proposta pelas indústrias farmacêuticas para vender antidepressivos, na qual tudo é depressão, tudo é bipolaridade. Por exemplo, se morre o cachorro de um indivíduo, é normal do ser humano ficar deprimido. Nesse caso, é um erro entender que se trata de um transtorno bipolar e prescrever antidepressivo. Quem é que está feliz sem dinheiro no bolso? E quando está com dificuldade de arrumar emprego e tem de pagar as contas? A infelicidade é natural e normal nessas situações e não leva a nenhum tipo de suicídio, ao contrário, ajuda e até estimula a busca por soluções. As frustrações são estímulos para procurar as soluções. A indústria farmacêutica, para vender remédio, laceou o diagnóstico. Por isso, uma análise adequada do paciente ajuda a diagnosticar os verdadeiros quadros depressivos (psicoses verdadeiras).

A forma de depressão natural é sempre motivada e não leva ao suicídio. Já a depressão endógena é imotivada e pode levar ao suicídio, como ocorre na psicose verdadeira.

Vale ressaltar que o suicida portador de depressão grave sempre vai dar sinais. Ele fala que vai se suicidar, e, nesse caso, a intervenção médica é fundamental. Não se pode esperar para agir e conferir se ele chega ou não a esse extremo.

Uma revisão de casos realizada pela OMS com base em 15.629 suicídios ilustra bem o fato de o suicida apresentar alguma patologia mental:

- 35,8% das vítimas tinham transtorno de humor;
- 22,4% eram dependentes químicas;

O suicídio pode resultar de um ato impulsivo, em curto circuito, característico de uma pessoa aflita que age sem pensar, frequente principalmente entre jovens.

- 10,6% tinham esquizofrenia;
- 11,6%, transtorno de personalidade;
- 6,1%, transtorno de ansiedade;
- 1%, transtorno mental orgânico (disfunção cerebral permanente ou temporária que tem múltiplas causas não psiquiátricas, incluindo concussões, coágulos e lesões);
- 3,6%, transtorno de ajustamento (depressão/ansiedade deflagradas por mudanças ou traumas);
- 0,3%, outros distúrbios psicóticos;
- 5,1%, outros diagnósticos psiquiátricos.

Em 3,1% restantes, faltou diagnóstico adequado.

A questão do suicídio é mundial e afeta qualquer nacionalidade, gênero, idade, classe social, famosos e anônimos, merecendo a atenção de toda e qualquer sociedade.

Alexandre Catena Volpe

Acadêmico de Medicina da Unimes, Fundador das Ligas Acadêmicas de Medicina Legal e Mastologia da Unimes, Diretor de Saúde Pública da IFMSA Brazil Unimes e membro do Centro Acadêmico Dr. José Martins Fontes.

Neusa Bittar

Médica Cirurgiã, Advogada, Mestre em Medicina, Preceptora da Liga Acadêmica de Medicina Legal da Unimes.

Priscilla Freitas Guimarães S. Giusti

Acadêmica de Medicina, Fundadora das Ligas Acadêmicas de Medicina Legal e Mastologia da Unimes.

Diferentes formas de “ver” o mundo

Pedro Luiz Squilacci Leme

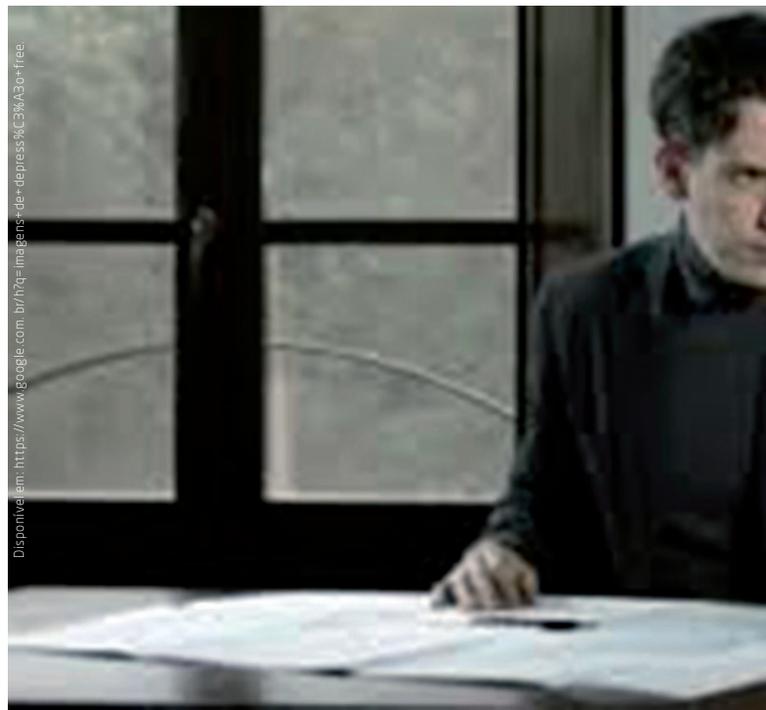
Atendo ambulatório em um hospital público da Grande São Paulo, onde os pacientes são os próprios funcionários e alguns de seus familiares. Esse grupo inclui os antigos Auxiliares de Radiologia, profissão praticamente extinta pelas novas tecnologias de processamento de imagens, mas que era exercida por um número significativo de pessoas que perderam a visão e tinham oportunidade de emprego na câmara escura de revelação dos filmes radiológicos. Quando as antigas processadoras de radiografias foram transformadas em sucata, muitos desses funcionários ficaram sem outra opção, a não ser atender ao telefone do setor e esperar o tempo para a aposentadoria. Conheço pessoas notáveis nessa situação; durante as consultas de rotina, entendo mais ainda o seu valor e descubro fatos que não despertariam a atenção dos que enxergam razoavelmente com ou sem óculos.

Trabalhamos há muitos anos no mesmo hospital e pude acompanhar algumas fases de suas vidas. Um casal se formou e, casados, tiveram filhos; tive oportunidade de vê-la hoje, ainda bela, mas não tão jovem senhora, grávida duas vezes. Tente imaginar como é organizar uma casa, cuidar dos filhos e trabalhar sem nada enxergar. Vestir-se, depender do transporte público todos os dias, trem lotado e ônibus, caminhar um longo trecho por calçadas mal cuidadas (mais de uma vez caíram e se machucaram por conta dessa situação). Com eles, passei a reprovar mais ainda as pessoas que levam seus cães para passear e não recolhem a eventual sujeira produzida; aprendi que a incapacidade visual é a penúltima da lista de chances de se conseguir um emprego, só perdendo para os que possuem alterações cognitivas, mesmo que grandes empresas necessitem cumprir cotas de pessoas diversamente qualificadas no seu quadro de funcionários.

Constatarei também que o necessário respeito por outro ser humano está bastante esquecido. Alguns “encarregados de setor”, os habituais “burocratas de plantão”, “cabeças de planilhas” apresentam uma enorme dificuldade

para lidar com funcionários que não têm culpa se sua função hoje é desempenhada por uma máquina, e sua readequação é difícil. Imaginar um encarregado infernizando essas pessoas porque atrapalham as estatísticas de número de funcionários e produtividade é evidenciar uma desumanidade ímpar. Descartar um profissional cuja função se tornou anacrônica como um aparelho de fax, sem considerar sua condição especial, é uma maldade difícil de definir e entender.

Refletindo, ainda, sobre o respeito devido aos outros, lembrei que nosso país teve um grande cirurgião, o Professor Alípio Correa Netto, que serviu na Segunda Guerra Mundial, voltou da Itália condecorado e, em função de sua extrema capacidade, autorizado a operar até oficiais do Exército Americano eventualmente feridos. Um Professor de Medicina, há anos falecido, pioneiro da laparoscopia em São Paulo, em um tempo em que ainda não existia a videolaparoscopia, trabalhou com ele e nos contava uma história relatada pelo Doutor Alípio, que, antes da



aposentadoria, chefiou uma Superintendência do serviço público estadual.

Trabalhando com um antigo oficial de menor patente, de caráter irrepreensível, que coincidentemente havia servido com ele na guerra, notou que esse oficial atrapalhava os planos de levar vantagens indevidas engendrados por alguns que dividiam o espaço de trabalho. Certo dia, o Professor foi procurado por um deles, que portava um dossiê, tentando incriminar seu antigo companheiro de armas, na tentativa de afastá-lo do cargo. O Dr. Alípio solicitou ao funcionário que deixasse os papéis sobre a mesa, que seriam avaliados oportunamente, mas ele insistiu para que fossem vistos naquele momento. O grande Cirurgião recolheu o dossiê e, sem abri-lo, escreveu na capa: "arquite-se", assinando embaixo. Quando o interlocutor demonstrou surpresa, a resposta foi simples: "eu conheço este homem". Assunto encerrado com uma palavra escrita e uma assinatura de enorme peso.

Tento imaginar se eu, que me considero "meio sargento" mesmo sem ter servido às Forças Armadas, teria agido todos esses anos de forma a merecer, por parte de um superior hierárquico, uma deferência como esta relatada. Tentei sempre ser correto, e, agora, completando os trinta anos de serviço, constato que o respeito interpessoal e a cordialidade, tão pouco valorizados atualmente, e até mesmo a profissão médica, estão passando por momentos críticos, um ponto de inflexão com enorme viés de baixa.

O passar dos anos não traz sabedoria ao ser humano, mas o habilita a ter um novo olhar sobre assuntos corriqueiros e a adquirir uma forma crítica de avaliar novas situações. Médicos nascidos no final da primeira metade do século XX em nosso País cresceram durante um período político específico, sem grandes possibilidades de expressão de ideias e representam um grupo sofrido, ainda em plena atividade, com muitas responsabilidades, já sujeitos às idiossincrasias da maturidade, potencializadas pelo cansaço da rotina estafante, pelo aviltamento das relações de trabalho e remuneração, pelas preocupações com a família, de como se manter na velhice, entre outros assuntos relevantes, e a ter reflexões existenciais, que fornecem algum tempero ao pesado dia a dia.

Quando avaliamos imagens radiográficas, que compactam várias estruturas em um único plano, estamos acostumados a reconstruir em nosso cérebro a estrutura tridimensional do segmento corpóreo estudado. Com estes antigos responsáveis pela revelação dessas imagens, também aprendi que, se alguém que perdeu a visão pedir para suavemente tocar seu rosto e, com o tato, avaliando suas feições, tentar criar sua imagem no cérebro para associá-la a sua voz, você é uma pessoa muito especial e respeitada por ela.

Pedro Luiz Squilacci Leme
Cirurgião Geral.

Política não é

Nelson Guimarães Proença

Já dissemos que é preciso ir ao fundo para buscar e encontrar as raízes da Democracia.

Vamos então retornar a um passado mais distante, recordando o ano de 1787, quando se reuniram na Filadélfia, Pensilvânia, os fundadores da Democracia Norte-Americana. Sob a liderança de George Washington, votaram os pontos básicos que a ela deram alicerce, seus princípios aprovados permanecem válidos até nossos dias e fundamentaram também as modernas Democracias no mundo todo.

Foram poucos e precisos esses princípios, que deram raízes à Democracia, procurando estabelecer condições de igualdade de oportunidades para todos. Para todos aqueles que compõem o corpo social.

Igualdade no voto.

Igualdade nos Deveres.

Igualdade nos Direitos.

Na Democracia, escolhidos por eleição direta os que terão a responsabilidade de a todos representar, não podem os eleitos perder de vista o significado principal desta representação. Estarão falando sempre – obrigatoriamente – não apenas em seu nome, ou em nome de familiares e amigos, mas em nome de todos os seus representados. Nunca poderão perder de vista os direitos e os deveres, exigíveis e aplicáveis a todos os que compõem a Nação, inclusive e sobretudo, a si mesmos, os eleitos.

Compreender as necessidades do Corpo Social e encontrar caminhos que contribuam para atendê-las: eis a razão, a essência, o objetivo da Democracia.

Estabelecer privilégios que beneficiem alguns, em prejuízo de muitos, é a negação da Democracia.

Buscar a igualdade para todos e estabelecer privilégios para alguns são condutas incompatíveis entre si.

Tornou-se inesgotável a multiplicação de setores corporativamente organizados, levando ao surgimento do conceito de *lobby*, ao qual cabe organizar as pressões sobre os que detêm o comando das Instituições do país. Os *lobbies* atuam, buscam e conseguem benefícios, vantagens e privilégios para os grupos que representam. Sua atuação não tem limites e realmente envolve os que compõem a representação política.

Até aqui, temos sido cuidadosos na seleção das palavras, falando em "representação" política e não em "classe" política. Mas, quando analisamos melhor o cenário político brasileiro, constatamos que existe, sim, uma "classe política".

A "classe política" é composta, em sua absoluta maioria, por representantes dos interesses de grupos e a estes procura recompensar, concedendo-lhes benefícios e privilégios. A "classe política" atua junto às Instituições Públicas e delas consegue arrancar os recursos que beneficiam – e até mesmo enriquecem – os grupos que representa.

profissão

Recursos públicos! Os recursos são públicos e quem os origina é o conjunto da população que trabalha, que luta, que se esforça, que cria a riqueza nacional.

Mas, e seu destino? Como são aplicados os recursos públicos? Hoje, no Brasil, grande parte do fruto do trabalho de todos é apropriada somente por alguns. O cenário é cada vez mais assustador, pois, no Brasil, a apropriação criminosa do produto nacional atingiu seu ponto mais alto, pois a prática do *lobby* foi complementada pela mais escancarada corrupção do Poder Público.

São hoje em menor número as pessoas que se dedicam à Política obedecendo aos princípios da Moral e da Ética, e, ao contrário, são incontáveis os que se dedicam a saquear os cofres da Nação. A atuação dos corruptos e dos corruptores está nos levando rapidamente para um grande desastre social e econômico, colocando em risco a paz e a estabilidade que todos desejam para o Brasil.

O que fazer? Temos de buscar a resposta indo às raízes dos problemas. É certo que, por esta procura de raízes, irão nos chamar de "radicais". Que nos chamem assim, pois, de fato, é preciso ir às raízes da discussão.

Procuro agora contribuir para a discussão radical, pois julgo necessário destacar de modo claro algumas medidas que são imperativas.

Primeiro lugar

Política não é profissão!

O conjunto da população, com seu voto, escolhe seus representantes, mas os escolhidos não são profissionais. São representantes transitórios, com prazo determinado para cumprir sua missão, podendo e devendo ser depois substituídos.

Para não criar "profissionais" da política, para assegurar a constante renovação dos representantes, é preciso que os eleitos não possam repetir por mais de duas vezes o mesmo mandato. Isto já está aceito – e vigente – para os cargos do Poder Executivo: Presidência da República, Governo dos Estados, Prefeituras Municipais. Agora, chegou o momento de estender esse impedimento também para os cargos legislativos, sejam eles de esfera federal, estadual ou municipal: Congresso Federal, Assembleias Legislativas, Câmaras Municipais.

Segundo lugar

O período de atividade no Poder Legislativo não precisa se estender por mais de dois meses em cada ano. Um mês para as Comissões Legislativas é quanto basta para que elas possam analisar Projetos de Lei, dando seus pareceres. Outro mês para as Sessões Plenárias discutirem,

emendarem, aprovarem, rejeitarem Projetos constantes de sua pauta.

Nos dez meses restantes do ano, os eleitos devem voltar às suas origens e às suas profissões, ao cotidiano de suas vidas e à militância partidária, em suas regiões, convivendo e ouvindo seus representados.

Terceiro e importante ponto

Não há nenhuma razão que justifique a concessão de copiosos salários mensais para os eleitos, para os que irão cumprir sua atividade somente por dois meses em cada ano. Durante o período de atividade legislativa, é justificável, sim, uma justa reposição que cubra suas despesas. Mas, no restante do ano, isso não se justifica, pois Política não é profissão, todos estarão de volta às respectivas profissões. Mais importante ainda: não se justifica a montagem de gabinetes caríssimos e desnecessários, à disposição de cada eleito. Nos dois meses de atividades legislativas, um grupo limitado de funcionários basta, eles podem ser funcionários públicos provisoriamente comissionados nos Legislativos.

Quarto ponto

É importante que cada representante eleito continue a recolher a contribuição previdenciária que sempre recolheu, garantindo sua futura aposentadoria. Mas que se aposente na sua profissão, não como "político profissional".

Todas essas considerações são evidentemente radicais. Descem às raízes dos problemas que hoje nos afligem, sobretudo aos problemas decorrentes da corrupção institucionalizada. Corruptos e corruptores costumam dizer que: "– Sempre foi assim e assim continuará a ser". Completam de modo cínico: "– O que não pode é desviar dinheiro demais". O povo não aceita essas afirmações, não aceita que temos de nos conformar, que isto é algo que não pode ser evitado.

Em decorrência de uma nova forma de se fazer a representação política, é claro que todos irão perguntar: se os eleitos não são profissionais, à política sempre inteiramente dedicados, como irá então se formar a opinião pública?

Aqui entra a questão da busca da convergência de opiniões. Ela necessariamente deve ser estimulada por intermédio de partidos políticos, realmente representativos do conjunto social.

Mas essa já é uma outra discussão.

Nelson Guimarães Proença

Membro da Academia de Medicina de São Paulo, Ex-presidente da Associação Médica Brasileira e Ex-presidente da Associação Paulista de Medicina.

O semeador de horizontes

Paulo Bomfim

Ibrahim Nobre foi quem me apresentou o sobrado onde viveu José Bonifácio, o moço, mestre amado pela geração de Castro Alves e Ruy. A rua deixou de ser do Ouvidor e passou a ostentar seu nome. No passado, chamou-se Rua da Cadeia Velha e do Governador, em homenagem a outro morador ilustre, D. Francisco de Sousa que, antes de vir para a América, serviu em Tânger e comandou em 1578 a frota que levaria D. Sebastião à trágica jornada de Alcácer-Quibir.

Político hábil e erudito, sabia moldar-se a situações diversas, o que lhe valeu a alcunha de D. Francisco "das manhas".

Esse D. Juan de metas impossíveis dá os primeiros passos do bandeirismo enviando homens nos rumos do Sabarabuçu, Cataguases, Goiás e Mato Grosso. Protetor dos índios escravizados, efetua a conquista do Rio Grande do Norte e defende a costa brasileira dos ataques corsários franceses, ingleses e holandeses.

Foi o propulsor da expedição de Gabriel Soares de Sousa que levaria à morte o autor do *Tratado descritivo do Brasil* na região situada entre o Jacobina e o Paranarim do Rio das Contas.

Prossegue a saga do cavaleiro andante enamorado de serras resplandecentes. Chega a São Paulo em 1558, acompanhado de pequena corte.

Antes de sua vinda, segundo depoimentos de Fernão Cardim e Frei Vicente do Salvador, os paulistas vestiam-se de "burel e pelotes pardos e azuis de petrinhas compridas", com "roupões de cacheiras sem capa". Homens e mulheres se cobriam com o rústico pano de algodão tecido pelas índias, e, se havia alguma capa de baeta, era luxo emprestado aos noivos que adentravam a igreja no dia do casamento.

Com D. Francisco de Sousa, os paulistas passam a viver com certo luxo depois que "viram suas galas e de seus criados, e houve tantos librés e mantos de seprilhos que já parecia outra coisa".

Comanda pessoalmente expedições à Serra de Araçoiaba, lançando no Vale das Furnas, onde encontra Afonso Sardinha fundindo ferro, fundamentos da Vila de

Nossa Senhora do Monte Serrat, madona de sua devoção. Percorre também as minas de Bocaitava, Vuturana, Caatiba e Jaraguá.

Responsável pelas primeiras bandeiras, envia em 1601 André de Leão em busca da prata e, no ano seguinte, faz partir a tropa comandada por Nicolau Barreto, com trezentos homens brancos e mamelucos e centenas de índios flecheiros que, deixando o arraial do sertanista na Mooca, vai pelo Tamanduateí ao Tietê, prosseguindo rumo ao Baixo Paraná, em demanda do ouro e da prata do Vice-Reino do Peru. Abria-se, com um século de antecedência, o ciclo das Monções.

Sob a capa de uma legenda dourada, iniciava-se também a demanda do Guairá que teria em Manuel Preto e Raposo Tavares seus cabos maiores.

Quando a bandeira de Nicolau Barreto regressa a São Paulo em 1604, já não encontra D. Francisco, que só voltaria ao Brasil em 1608 como governador da repartição do sul e superintendente das minas com jurisdição das capitânicas do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente.

Em 1609, liga-se o Diogo de Quadros e Francisco Lopes Pinto na exploração de engenho de ferro em Santo Amaro.

Declina a partir daí a existência errante daquele que despertou nos paulistas a tentação das serras de prata, dos morros cobertos de pedras preciosas e das lagoas douradas.

Vem a falecer em São Paulo, pobre e desamparado, em 11 de junho de 1611, o conviva de reis, de sertanistas e de bugres. Setenta anos mais tarde, seu sonho de esmeraldas arrebataria, nas margens do Rio das Velhas, a vida de Fernão Dias.

No sumidouro do Anhangabaú, apenas uma viela lembra à desmemória da cidade o nome de D. Francisco de Sousa, semeador de horizontes.

Paulo Bomfim

Príncipe dos Poetas Brasileiros.



Beber muita água

Jenner Cruz

Ultimamente, quando andamos na rua, a pé, de táxi ou de metrô, é comum vermos pessoas bebendo água ou levando uma garrafa de água consigo. Tudo isso porque os diferentes meios de comunicação estão divulgando a ideia de que beber muita água é essencial para uma boa saúde.

Recentemente, num Congresso de Nefrologia, havia um *stand*, alugado por uma empresa vendedora de água, que aproveitava os temas do Congresso para vender água mineral, mais um a propagar os benefícios de beber muita água.

Devemos beber muita água, segundo seus defensores, baseados em doze motivos.

1. Controlar a pressão sanguínea, mantendo o equilíbrio hidroeletrólítico e o bom funcionamento das células musculares, impedindo o aparecimento de câimbras.
2. Ter menos propensão de sofrer ataques cardíacos. O sangue mais diluído, fluindo com mais facilidade pelos vasos sanguíneos, diminui as chances de aparecimento de infartos e de derrames.
3. A água auxilia a lubrificação das paredes intestinais e a movimentação do bolo fecal, evitando a constipação e a formação de gases.
4. A água é importante na eliminação de cálculos urinários. *Este é um erro comum que acontece no tratamento da calculose urinária. Havendo cálculos, especialmente de repetição, deve-se saber a causa que motivou e por que ocorreram. Um grande número de indivíduos tem, em seus túbulos, mecanismos que impedem a formação de cálculos, sendo o mais importante o citrato. Apenas 40% dos portadores de hipercaleciúria formam cálculos, provavelmente em decorrência dessas formas de proteção.*
5. Durante exercícios físicos e também em certas profissões, em que há sudorese excessiva, levando à desidratação.
6. A água aumenta a atividade do sistema nervoso e eleva o nível da energia.
7. A água ajuda a emagrecer e a perder peso.
8. Mantém o organismo hidratado e é essencial para a proteção dos olhos.
9. Um dos primeiros sinais de desidratação ocorre na pele e nas mucosas.
10. Beber água favorece a excreção de substâncias tóxicas e prejudiciais.
11. Beber pouca água quando guiamos um carro é igual a dirigir sob os efeitos de bebidas alcoólicas.
12. O consumo de água é vital para o bom funcionamento do organismo.

Qual é a quantidade ideal de água que devemos beber diariamente? Segundo a Organização Mundial de Saúde, para os sedentários é de 2,2 litros para as mulheres e de 2,9 para os homens. Porém, para os fisicamente ativos, esses números sobem para 4,5 litros por dia.

Não estou de acordo. Eu bebo água ou outro líquido apenas quando estou com sede. Como estou meio sedentário, por causa da idade, sou pouco e bebo muito pouco líquido diariamente.

A ingestão exagerada e desnecessária de qualquer líquido pode não só ultrapassar a capacidade renal de excretá-lo como carregar substâncias que normalmente não seriam excretadas.

A distribuição dos líquidos nos compartimentos vascular, intersticial e celular depende de vários fatores, porém deve ser mantida dentro de limites considerados normais. Havendo perda líquida, é importante que ela seja substituída por um volume adequado para evitar o aparecimento de desidratação.

Existe uma doença, denominada diabetes insípido, que consiste em eliminar um grande volume de urina hipotônica e insípida, acarretando muita sede. Ela admite cinco variantes. Vamos descrever duas: a primeira é decorrente da inabilidade da hipófise posterior em secretar ou sintetizar um hormônio antidiurético denominado vasopressina, que controla a osmolalidade sanguínea. A segunda é denominada polidipsia primária, na qual o paciente tem valores normais da vasopressina, bebendo muita água por doença mental, como esquizofrenia, desordem obsessiva compulsiva ou polidipsia psicogênica, em que o paciente bebe de dois até quatro ou mais litros de água por dia, segundo eles, para eliminar os venenos do corpo.

Qual a consequência de beber tanto líquido?

O excesso de líquido ingerido força o aumento anormal e contínuo da diurese, com perda de várias substâncias de eliminação renal. Está provado que os pacientes com polidipsia primária possuem dosagem de eletrólitos como Na, Cl e K em valores baixos, felizmente dentro de valores ainda considerados normais.

Mais uma vez, conclusões pouco científicas da Organização Mundial de Saúde estão equivocadas. Não devemos aceitá-las sem antes estudá-las. Habitualmente, só bebo água quando tenho sede. Beber água em excesso não só é desnecessário para nossa saúde como pode ser prejudicial.

Jenner Cruz

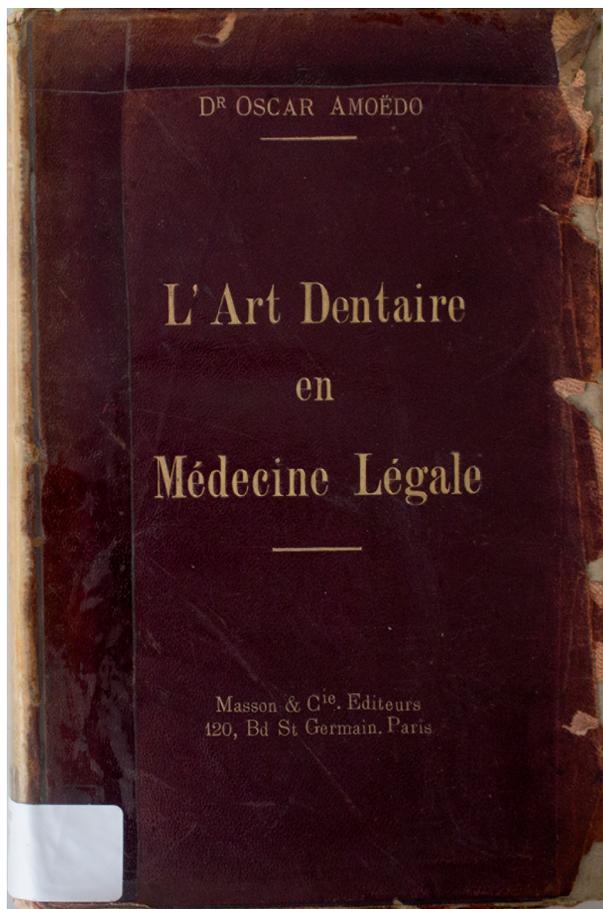
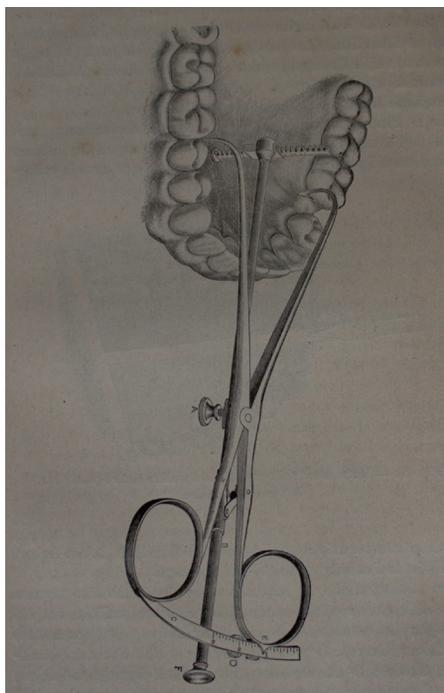
Membro emérito de Academia de Medicina de São Paulo.



coluna do livro

L' art dentaire en Médecine Légale

Obra escrita por Oscar Amoëdo, nascido em Cuba, em 1863, e falecido na França, em 1945. Foi um dos pioneiros da odontologia legal, cujo livro em comento é um dos clássicos da matéria. Nele o autor mostra como se pode identificar corpos *post-mortem* de indivíduos carbonizados. Antes, porém, descreve, em pormenor, a anatomia dentária, seu desenvolvimento, as anomalias, os dentes nas diferentes raças humanas, a cárie, as erosões etc. A parte legal está no final do livro, que traz, também, um bom glossário. São 610 páginas, com várias ilustrações; capa original necessitando alguns reparos. Editado pela Masson Editeurs, Paris, sem data (estima-se início do século XX). Doado à APM em 1989, por João Baptista de Oliveira e Costa Júnior, o querido e saudoso Professor Costinha.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*) e Alexandre Rodrigues de Souza

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.